



Oficina de Referências Culturais realizada em Belém.
Foto de Maryclea Maues

Sobre a repep

A Rede Paulista de Educação Patrimonial - Repep é um coletivo de profissionais na área de cultura e educação.

Desde 2014, constrói ações de valorização da memória coletiva e do patrimônio cultural e formação em educação patrimonial.

[Acesse nossos princípios de educação patrimonial e estatuto no site](#)

Somos educadores, historiadores, geógrafos, arquitetos, cientistas sociais que trabalham nas redes de ensino, em prefeituras, órgãos de preservação, museus, universidades, estudantes de cursos de graduação e pós-graduação, pesquisadores, profissionais liberais e integrantes de movimentos sociais.

Égua! Vai ter inventários participativos em Belém, Quixadá, São Luiz e Tatuí.

por **Maryclea Maues** que fez parte do Inventário do Minhocão e agora é membra da repep em Belém-PA.

Nos dias 6 e 7 de julho de 2023, em Belém do Pará nas margens do bairro da Cidade Velha, aconteceram a visita técnica, reuniões e oficinas conduzidas pelas professoras Tereza Paes, Simone Scifoni e Gabrielle Cifelli no contexto da execução do projeto “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural”.

O projeto foi proposto ao CNPq (Pró-Humanidades - 420924-2022/1) por um grupo de profissionais de diversas universidades coordenados pela professora Maria Tereza Duarte Paes da UNICAMP, e que tem como objetivo geral:

Tomar a aplicação do inventário participativo como recurso para promover a participação social nos processos de identificação, proteção e gestão do patrimônio, e estabelecer orientações gerais e parâmetros para a sua utilização nas práticas institucionais de municípios, estados e União.

Sua realização implica na execução de Inventários Participativos em quatro núcleos – Belém/PA, Quixadá/CE, São Luiz/MA e Tatuí/SP – envolvendo grupos sociais locais, parceiros e pesquisadores. Cada núcleo já iniciou suas atividades de mobilização dos participantes, construção da ficha do projeto e do território escolhido, assim como recebeu a equipe coordenadora do projeto para o reconhecimento do território, reuniões de alinhamentos e oficina com a equipe local e representantes do público participante, parte principal do processo.

Vamos acompanhar esses processos!

Patrimônio LGBTQIA+: Inventário Participativo da região do Arouche e MONA

por **Ana Paula I. Soida**, fez parte do Inventário do Minhocão da reep, é mestranda em Geografia na FFLCH/USP e integra equipe do projeto Territorialidades LGBTQIA+ em São Paulo.

Entre 2020 e 2022, a REPEP junto ao [Coletivo Arouchianos LGBTQIAPD+](#), e com apoio da Universidade de São Paulo, elaboraram um inventário participativo de referências culturais LGBTQIA+ da região do Largo do Arouche, reconhecendo e valorizando a população histórica que lá existe.

Esse inventário foi iniciado sob uma ameaça de perda de referências culturais por causa de projetos urbanísticos de reconfiguração espacial e, conseqüentemente, substituição do perfil social.

O Largo do Arouche e seus arredores se assemelham muito a outras áreas centrais de São Paulo, apresentando contradições urbanas, da prosperidade ao caos. Uma característica única da região, no entanto, o que a distingue é: a presença e o acolhimento às pessoas LGBTQIA+. Esse grupo social ocupa a região

há mais de 60 anos e, na virada do século, a região já era consolidada como **o bairro LGBTQIA+ brasileiro**, com festas, bares, restaurantes e lojas especializadas.

O Arouche é também acolhedor para o público de baixa renda, advindo da periferia ou de outras cidades, que não pode arcar com os altos custos da avenida Paulista ou nas ruas Augusta e Frei Caneca. Pessoas pobres, pretas, imigrantes e trans são comuns ali, nas calçadas, dançando ao som dos bares, dormindo ou consumindo bebidas de bares ou vendedores ambulantes.

Em 2016, o então prefeito João Doria tornou pública suas intenções neoliberais de reformar o largo e seus arredores e transformá-lo em um boulevard. Logo, o Largo do Arouche passou a ser visto, por investidores e pela mídia, como uma Petit Paris paulista.

As imagens divulgadas do projeto apoiado pela Prefeitura de São Paulo revelam a proposta higienista: não há presença de pessoas não heteronormativas, tampouco representam a diversidade étnica e social da região.

Daí, então, a ameaça da perda identitária. Pretendia-se com essa intervenção urbana expulsar o perfil dos moradores e ocupantes, tornando o bairro mais rico, abastado, branco e heteronormativo.

Diante disso, o Coletivo Arouchianos se aliou a Reep e, juntos, conseguiram apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (PRCEU-USP), para elaboração de um inventário participativo de referências culturais como forma de identificação da riqueza cultural e identitária da região do Arouche.

continua>>





Helcio Beuclair entrevistando Ghe Santos. Foto: acervo Arouchianos.

mona



Logo do museu.

Assim, o **museu guarda a memória LGBHTQIA+ e também é um espaço de resistência política e de celebração do respeito e da diversidade**

Foi criado também um canal no Instagram com a finalidade de divulgar a territorialidade Arouche LGBTQIA+, o [@mona_lgbtqia](https://www.instagram.com/mona_lgbtqia), fomentado por Mavi dos Santos, uma das pesquisadoras bolsistas.

Anderson Sousa dos Santos foi um dos idealizadores e bolsista do projeto, importante articulador durante a pesquisa, assim como fundamental na criação do M.O.N.A. É dele o relato que segue.

A partir de relatos e entrevistas, trabalhos de campo foram, identificadas e registradas 40 referências culturais que definem o Arouche como um território LGBTQIA+ potente, de relevância nacional. São locais de afeto, acolhimento, saúde, paquera, sem esquecer o preconceito atual e do passado.

A partir desse inventário participativo foi criado o **M.O.N.A. Museu de Ocupação e Narrativas do Arouche LGBTQIA+**, um museu de território virtual. MONA abarca, além das referências culturais, entrevistas na íntegra, webdocs, relatos e a história do Arouche.

Arouche é patrimônio, museu e é nosso.

por **Anderson Sousa dos Santos**, é estudante de biologia na USP e faz parte do Coletivo Arouchianos LGBHTQIAPD+.

“Conheci” o Largo do Arouche pela primeira vez em 2013, na época com 16 anos. Digo entre aspas porque não o conheci sabendo seu nome, mas indo pra lá várias vezes.

Isso aconteceu durante meu primeiro relacionamento, por ser um lugar seguro para vivenciar o afeto, experiência que não era possível na comunidade em que morava por conta da homofobia dos arredores e, principalmente, da família.

Era um lugar movimentado naquela época, tinha um tronco enorme na praça que servia como banco.

Lembro o quão aconchegante era estar lá com a presença de outros casais olhando para o céu noturno. Além das próprias árvores que sustentavam uma

espécie de espaço privado em que cada casal se escorava e tinham aquele lugar para os beijos e abraços.

Vira e mexe havia um movimento parecendo anunciar o conflito, os barulhos de garrafas quebrando, mas nunca presenciei algo naquela época.

Depois disso, fui visitar o Arouche de novo somente em 2019, após entrar na universidade e descobrir o que eram os movimentos sociais.

Fui lá com o objetivo de conhecer os Arouchianos, um grupo que conheci pela internet e com diversas ações interseccionais, algo muito interessante pra mim na época. A foto abaixo é exatamente desse dia, sou a pessoa de mochila no canto esquerdo.

continua>>



Assembléia aberta do Coletivo Arouchianos em 2019. Foto: Coletivo Arouchianos.

Inventário participativo Arouche LGBTQIA+

Inventário em livro

Confira o livro organizado em torno da vivência e do repertório construído pelo Coletivo Arouchianos LGBTHQIAPD+ e com os conhecimentos e técnicas da Repep. O livro é um dos resultados do projeto relatados por Ana Paula Soida e Anderson Sousa neste boletim.

Agenda

Inscriva-se na Jornada do Patrimônio SP!

19.08 | 10h- O movimento Mobiliza Saracura/ Vai-Vai e a educação patrimonial comunitária.

19.08 | 14h- Inventários participativos e sua importância em territórios periféricos.

20.08 | 9h- A Pedreira Guaianases como Patrimônio Ambiental e a ocupação urbana

20.08 | 11h- Referências culturais em São Miguel Paulista.

Expediente

Comissão editorial Repep
Anaclara Volpi Antonini, João Lorandi Demarchi, Mariana Kímie Nito e Regina Bortoto

Apoio

Simone Scifoni e Levi Andrade,
FFLCH/USP

Somente algum tempo depois fui lembrar que já conhecia aquele lugar, talvez não só pela lembrança fraca, mas também porque o espaço estava diferente.

O tronco-banco não existia mais, e com o tempo novas intervenções como a Petit Paris chegaram. O antigo piso havia sido removido e com as obras, muito da ocupação que existia lá foi enfraquecendo, sendo o Coletivo Arouchianos o responsável pelo esforço de manter a ocupação.

Com o tempo, alguns diálogos com a REPEP iniciaram e aconteceu a primeira Conferência Pública sobre patrimônio LGBTQIA+ no Largo do Arouche. Tive dificuldade de entender no início, mas estive presente assim como outros integrantes do coletivo e pessoas que frequentavam o largo.

Entendi mais a fundo quando iniciamos o inventário e fui compreendendo mais sobre patrimônio, cultura e participação

Foi muito desafiador mobilizar a nossa comunidade, vivíamos

os diversos efeitos da pandemia de COVID19, isolados, muitos desempregados, em depressão e sem acesso à internet para participar dos debates.

Mas não desistimos, seguimos com as ferramentas e as poucas pessoas que tínhamos e com elas produzimos um material tão rico!

M.O.N.A surge aí, é assim que a gente se chama, “e aí, mona”. É interessante que nosso museu vem de como a gente se reconhece, como se cada um de nós também fôssemos (e somos) exposição, provocássemos reflexão, desconforto, ideia, admiração, alegria e raiva.

Como futuro educador de Ciências, conhecer o olhar do patrimônio sobre a temática LGBTQIA+ mudou até a forma da minha prática. De repente, **fez muito mais sentido saber olhar para as referências culturais para explicar sobre o mundo, do que partir do princípio de que as pessoas ainda não sabem sobre ele, algo muito comum na educação.**



Coletivo Arouchianos LGBHTQIAPD+ na Audiência Pública: Como consolidar o Arouche como território LGBT+ em 2019. Foto acervo Arouchianos.

repep

REDE PAULISTA DE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

repep.fflch.usp.br
repep.fflch@gmail.com

[insta /repep_edupatrimonial](#)
[faceb /repep](#)